

**19º Congresso Brasileiro de Sociologia**  
**9 a 12 de julho de 2019**  
**UFSC - Florianópolis, SC**  
**Grupo de Trabalho: Teoria Sociológica**

**Visibilidade e invisibilidade da dominação em Bourdieu**

**Irllys Alencar F. Barreira\***

A densidade da teoria de Bourdieu provoca, via de regra, naqueles que se dispõem a trabalhar com os seus escritos, a necessidade de “explicar conceitos”, instituindo uma espécie de conjunto de “tradutores”, ou “porta-vozes”, capacitados a difundir o pensamento do autor. Essa tem sido uma tarefa relativamente frequente<sup>1</sup>, considerando-se que nos últimos anos a obra de Bourdieu, sobretudo após a sua morte, vem se disseminando fortemente no Brasil em várias áreas do conhecimento, mormente nas ciências sociais.

Embora os escritos sobre Bourdieu rendam tributo a sua originalidade, por conta dos conceitos organizados de forma articulada, dando à primeira vista um sentido de totalidade, gostaria de ressaltar, na obra do autor, a postura analítica de uma “teoria das práticas”, atenta a não substituir o exame das situações concretas pela afirmação acabada de modelos. É necessário destacar que o referido autor não buscou construir uma teoria geral da sociedade, antes indicando possibilidades analíticas de elaboração do conhecimento sociológico ou antropológico a serem validadas com base em pesquisas. Trata-se, portanto, de abordagens sobre a vida social que podem ser apreendidas como modos de interpretação e instrumentos de natureza não puramente teórica, mas operacional<sup>2</sup>.

---

\*Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenadora do Laboratório de Estudos de Política, Educação e Cidade (Lepec). E-mail: irlysfirno@gmail.com

<sup>1</sup> Trata-se de uma tarefa que vem sendo conduzida com êxito, haja vista os textos produzidos nos momentos iniciais de difusão da teoria de Bourdieu no Brasil. Cf: ORTIZ, Renato. “Esboço de uma teoria da prática”. In: ORTIZ (Org.). *Bourdieu*. São Paulo: Editora Ática, 1994. p. 46-86 e MICELI, Sérgio. Introdução: a força do sentido. In: *Pierre Bourdieu. A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

<sup>2</sup> Esse é um argumento realçado por Wacquant (1992, p.5) quando compreende as propostas teóricas de Bourdieu como ferramentas de pesquisa.

Sem abdicar propriamente de reflexões de ordem mais abstrata, mas examinando as possibilidades de uso de conceitos como ferramenta metodológica, o artigo em tela focar-se-á no tema da dominação<sup>3</sup>. Trata-se de chave de leitura que considero fundamental, tanto do ponto de vista do entendimento sobre o pensamento do autor quanto das potencialidades dessa categoria de análise para a compreensão de investigações contemporâneas.

As percepções sobre as contribuições de Bourdieu serão feitas a partir de um duplo ponto de vista: as expressões mais evidentes ou as mais invisíveis da dominação e a perspectiva de pensá-la como ferramenta de investigação<sup>4</sup>.

### **Iniciando a questão**

Não seria exagerado afirmar que o tema da dominação permeia toda a obra de Bourdieu<sup>5</sup>, sendo explorado tanto nos processos de reprodução do poder como nas formas simbólicas e mais sutis de imposição de pontos de vista, a exemplo da linguagem praticada em vários espaços da vida social.

Os requisitos da dominação partem, inicialmente, da observação dos princípios e valores subjacentes ao senso comum, indutores, por excelência, de preconceitos e classificações naturalizadas da vida social. Uma das questões que permeia as incursões do autor no tema da dominação é a seguinte: por que a ordem do mundo, com suas relações impositivas, perpetua-se tão facilmente, tornando as condições de vida aceitáveis? A indagação volta-se para entender a objetividade do mundo social não só com base nas estruturas econômicas e políticas de dominação, mas na introjeção de valores e esquemas mentais de pensamento historicamente construídos (Bourdieu, 1989).

Muitos referentes empíricos e analíticos servem de subsídio às argumentações construídas por Bourdieu para explicar a dominação: o poder que se exerce em palavras,

---

<sup>3</sup>A dominação, do ponto de vista menos visível, refere-se à incorporação de crenças, feita de modo consciente ou inconsciente. As formas mais concretas de manifestação da dominação vão estar presentes no âmbito das práticas institucionais, incluindo, mais especificamente, o Estado ou o campo político.

<sup>4</sup>Os usos do conceito de dominação em pesquisas de Bourdieu e outros intelectuais, entre as quais incluo projetos de minha autoria, servirão de referência às reflexões presentes neste artigo. Os textos da coletânea *Trabalhar com Bourdieu* (Lagrave, 2003) trazem importantes contribuições nesse sentido.

<sup>5</sup>Na perspectiva de Wacquant (2005: 157), “O tema central e objetivo da obra de Bourdieu é — e sempre foi desde a origem — o de ‘recuperar’ as dimensão simbólica da dominação, de forma a fundar uma antropologia da geração de poder nas suas mais variadas manifestações”.

gestos e expressões rituais e as estratégias de reprodução do mundo social que se fundam no plano simbólico, centralizando-se mais visivelmente em instituições como o Estado, a família, a escola e demais espaços de sociabilidade.

Para além de uma denúncia ou busca de zonas de conforto, nas quais a dominação estaria hipoteticamente ausente, Bourdieu mergulha nas sutilezas de sua presença. A forma menos visível—mas nem por isso menos eficaz da dominação—encontra-se associada à linguagem e à crença ou descrença nas palavras. Estas não têm a mesma capacidade de recepção, a depender do interlocutor e do espaço de enunciação. Os constrangimentos e as forças de persuasão existem desde as regras entre contratantes e interlocutores, que longe de afirmarem uma condição de igualdade terminam por naturalizar as diferenças e a hegemonia de vontades. Trata-se de um pensamento de matriz weberiana<sup>6</sup> conformado no princípio arbitrário do poder como forma de impor vontade sobre pessoas dispostas a obedecer.

Portanto, dependendo do contexto e do interlocutor, as palavras exprimem concorrência entre falantes, dotados de diferentes expressões de acumulação de capital simbólico, conforme os campos de atuação em que são pronunciadas. As formas de competição entre os pretendentes à palavra— e aqui poderiam ser citados desde adversários no campo político até concorrentes em vários espaços da vida social—demonstram o valor desigual e específico de cada discurso. Trata-se de reflexão que mantém debate direto com os linguistas que atribuíam às palavras poderes intrínsecos, desconsiderando sujeitos e lugares de enunciação (SAUSSURE, 2005).

Refletindo com base em formulações weberianas sobre o poder simbólico, diz Bourdieu (1989: 15): “O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras”.

Retirar o tema da dominação de um lugar restrito de atuação, seja ele econômico ou político, constitui uma das contribuições originais do autor, para quem “[...] a teoria das práticas propriamente econômicas é um caso particular de uma teoria geral da economia das práticas” (Bourdieu, 1980, p. 209). A compreensão dos benefícios materiais e simbólicos que se processam em vários campos da atividade social, mesmo aqueles movidos pelo sentido do “desinteresse”, assim como os ganhos e as recompensas simbólicas não percebidos apenas no âmbito das desigualdades

---

<sup>6</sup>Ver: WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília 1999.

econômicas, abre possibilidades analíticas interessantes. Torna possível verificar as diferentes maneiras de legitimação do arbitrário por meio de pesquisas nas quais também se inclui o campo acadêmico.

A proposta analítica de Bourdieu a respeito dos universos sociais nos quais se efetivam uma “economia dos bens simbólicos” justifica-se, tendo em vista o fato de que mesmo nesses espaços, onde os interesses “temporais” (político, econômicos) são coletivamente sublimados—pela prevalência de um sentido de dádiva, há um efeito de *desconhecimento* compartilhado. O recalque do interesse é, assim, formulado nas palavras de Bourdieu (1994: 163): “[...] sou feito de tal modo, de tal modo disposto, que sei e não quero saber que tu sabes e não quero saber que sei, nem quero saber que retribuirás a dádiva”.

O tema do interesse, longe de referir-se a posições fixas ou oposição entre “interessados” e “desinteressados”, supõe uma ruptura com uma visão mistificadora das condutas humanas, aproximando-se da noção de jogo. Isso porque existem espaços da vida social no quais o desinteresse é valorizado, criando condições para a ocultação das diferenças submetidas a princípios universais. Mesmo em universos sociais onde o desinteresse ou a gratuidade aparecem como norma oficial, preexistem interesses sutis e disfarçados os quais, por se inscreverem no plano simbólico, são irredutíveis à ordem puramente econômica.

O conceito de dominação constitui uma das matrizes geradoras do pensamento de Bourdieu<sup>7</sup>, sendo base mesmo das relações sociais em sentido abrangente. Impõe-se não só nas formas institucionais mais evidentes, mas nas classificações que são interiorizadas desde o inconsciente, aí imprimindo-se as marcas mais sutis da violência simbólica.

### **O inconsciente e a invisibilidade da dominação**

A reflexão sobre o inconsciente nas formulações de Bourdieu traz subjacente uma crítica à racionalidade presente em teorias que percebem a ação como resultado premeditado de obrigações planejadas. As ações, argumenta Bourdieu (1999), não são

---

<sup>7</sup>A reflexão sobre a dominação construída em sua feição inconsciente foi tratada em momentos distintos da obra de Bourdieu. Particularmente no livro *A dominação masculina* (1999), a questão da invisibilidade da dominação encontra-se associada ao tema das classificações sociais e dos supostos culturais subjacentes.

vividas apenas como obrigações, mas “a fazeres”— disposições fortes que são formuladas fora do processo consciente de escolha. Supõem uma adesão imediata que substitui o pensar, o escolher, a previsão, constituindo-se em espécie de segunda natureza: o *habitus*. As ações são também balizadas por pulsões incorporadas de forma inconsciente, atuando como libido específica em diferentes campos de atividade social, corroborando, pois, com o funcionamento sistemático do corpo socializado.

O diálogo do autor com a psicanálise efetiva-se por meio do reconhecimento do papel do inconsciente nas práticas sociais. É importante ressaltar que a noção de inconsciente não se restringe ao âmbito individual, tendo em conta um contexto histórico situacional explicitado em campos específicos de atuação. Cada campo de atividades com seu *habitus*, seu jogo e sua *illusio*, que definem o “imprescindível a ser feito”.

Um possível diálogo cooperativo entre saberes é assim sugerido por Bourdieu:

A sociologia e a psicanálise deveriam unir seus esforços (mas para isso seria necessário que conseguissem vencer as suas desconfianças mútuas) para analisar a gênese do investimento num campo de relações sociais, assim constituído em objeto de interesse e de preocupação, no qual a criança se encontra cada vez mais implicada e que constitui o paradigma e também o princípio de investimento no jogo social (1998:146).

Considerando os aportes da psicanálise, Bourdieu retoma reflexões feitas por Freud a partir das quais indaga:

Como se opera a passagem, de uma organização narcísica da libido, na qual a criança se toma a si própria (ou a seu próprio corpo) como objeto de desejo, a um outro estado no qual ela se orienta para uma outra pessoa, acedendo assim ao mundo das ‘relações de objeto’, sob a forma de microcosmo social originário, e dos protagonistas do drama que aí se joga? (Bourdieu, 1998:147).

Mais adiante, na sequência dos argumentos, Bourdieu afirma que o trabalho de socialização das pulsões apoia-se numa transação permanente na qual a criança concede renúncias e sacrifícios em troca de testemunhos de reconhecimento, consideração e admiração. A percepção de outros é, então, fundamental para a sua constituição como

sujeito, sendo ela um ser “[...] percebido e condenado a ser definido na sua verdade pela percepção dos outros” (op cit, p. 147).

A percepção do outro, sendo constitutiva da própria noção de sujeito, é também portadora de visões de mundo em sentido mais abrangente. Desse modo, Bourdieu introduz em suas formulações elementos de ordens cultural e histórica, considerando que os inconscientes individuais são também formados pelo inconsciente social que atua nas representações, classificações e instituições. Os caminhos mútuos da introjeção e a imposição de regras culturais circunscritas à vida dos indivíduos são assim formulados por Bourdieu:

De um modo geral, a eficácia das necessidades externas apoia-se na eficácia de uma necessidade interna. Assim, sendo o resultado da inscrição no corpo de uma relação de dominação, as disposições são o verdadeiro princípio dos actos de conhecimento e reconhecimento práticos da fronteira mágica entre os dominantes e os dominados que a magia do poder simbólico, agindo como um gatilho, não faz mais do que desencadear. O reconhecimento prático por meio do qual os dominados contribuem, muitas vezes sem o saberem, por vezes contra a vontade, para sua própria dominação aceitando tacitamente, por antecipação, os limites impostos assume muitas vezes a forma de emoção corporal (vergonha, timidez, ansiedade, culpabilidade), muitas vezes associada à impressão de uma regressão a relações arcaicas, as da infância e do universo familiar. O que se trai em manifestações visíveis, como o rubor, o embaraço verbal, o gesto desastrado, o tremor, outras tantas maneiras de submissão, ainda que contra a vontade e forçando o corpo, ao juízo dominante, outras tantas maneiras da experiência, por vezes no conflito interior e na ‘clivagem do eu’, da cumplicidade subterrânea que um corpo se esquivava às directivas da consciência e da vontade mantém com a violência das censuras inerentes às estruturas sociais (Bourdieu, 1998:150, grifos do autor).

Se a dominação se adequa à ordem simbólica do mundo social, seus mecanismos efetivos de atuação ocorrem através de uma submissão paradoxal, resultante do que o autor denomina de violência simbólica, isto é, a violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas e exercida pelas vias mais sutis. A perspectiva de desvelamento e denúncia dessa questão partiria, nesse sentido, da devolução à *doxa* de seu caráter paradoxal, demonstrando os mecanismos responsáveis pela transformação da história

em natureza, do arbitrário cultural em natural. Um processo de desconstrução de princípios percebidos como sendo naturais e verdadeiros deveria guiar, segundo Bourdieu em vários de seus trabalhos, o pensamento do investigador, comprometido, por um lado, com a elucidação de fatos históricos; por outro, com a descoberta do lado menos visível da dominação.

Argumenta Bourdieu (1999) que a força particular que fundamenta a dominação é proveniente da acumulação e condensação de operações que se reforçam mutuamente: legitima-se uma relação de dominação, inscrevendo-a em sua natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada.

As ideias de Bourdieu sobre a dominação masculina alimentam-se de fontes criativas que aliam pesquisa etnográfica e escrita literária. Em uma passagem do livro de Virgínia Woolf, *Passeio ao farol*, a visão de um olhar masculino descrita pela autora é tomada por Bourdieu como expressão paradigmática de uma forma consagrada de pensar e atuar no mundo social. A essa inspiração literária agregam-se concepções formuladas por meio de pesquisas etnográficas que servem de suporte essencial às reflexões do autor sobre as formas simbólicas de dominação, que afirma: “[...] eu não seria capaz de recuperar em *Promenade au phare* (Passeio ao farol) a análise do olhar masculino que a obra encerra se não a tivesse relido com o olhar informado pela visão Cabília” (Bourdieu, 1999: p. 13, nota 1).

A etnografia sobre Cabília, região situada na Argélia, apresenta um modelo paradigmático da tradição mediterrânea baseado nas condições de honra, poder e dominação masculina. Em Cabília, as diferenças sexuais encontram-se imersas no conjunto de oposições que organizam todo o cosmos, instituindo uma sacralização da topologia sexual do corpo socializado, estendendo-se ao plano das topologias sociais alçadas à condição de naturalidade: alto-baixo, em cima-embaixo, em frente-atrás, direita-esquerda, reto-curvo, fora-dentro.

A análise etnográfica das estruturas objetivas e das formas cognitivas da sociedade histórica, específica, íntima e familiar dos berberes de Cabília funciona como instrumento de um trabalho de socioanálise que Bourdieu denomina de “inconsciente androcêntrico”. A explicitação das categorias desse inconsciente permite entender que os camponeses de Cabília mantinham inalteradas as condutas e os discursos dotados de estereotipagem ritual, representando uma forma paradigmática de visão falo-narcísica e de cosmologia androcêntrica.

Os esquemas de classificação registrados como diferenças de natureza contribuem para a naturalização dos fatos sociais, sendo incessantemente confirmados pelo ciclo do mundo e de todos os ciclos biológicos cósmicos. Assim, a relação social de dominação não emerge unicamente da consciência. Tal constatação— não restrita à sociedade Cabília— serve de referência à premissa do autor sobre a sutileza e a incorporação, através do *habitus*, das estruturas mais profundas de dominação. O sistema mítico ritual desempenha um papel equivalente ao que incumbe o campo jurídico nas sociedades diferenciadas, onde os princípios de visão e divisão, ajustados às classificações já existentes, consagram e oficializam a ordem estabelecida.

As formas de dominação masculina estão referenciadas na teoria do poder simbólico, que se exerce por uma via de mão dupla, na medida em que os dominados incorporam esquemas os quais são produtos da condição de desigualdade. Fazem, nesse sentido, de seus atos de conhecimento atos também de reconhecimento e reafirmação da dominação. O efeito da dominação simbólica não está na lógica pura das consciências, mas opera por meio de esquemas de ação, avaliação, percepção e ajustamentos inconscientes de projetos às probabilidades<sup>8</sup>. A escolha de carreiras “tipicamente femininas”, ou o universo das renúncias, fariam parte de um cálculo implícito de adequação entre o desejo e a realidade limitadora da dominação. Bourdieu indaga, nesse sentido, o porquê das escolhas profissionais de mulheres e a restrição socialmente estabelecida em cargos de mando político.

A percepção da história como uma ciência do inconsciente social tem suas origens nas formulações de Durkheim (1951), para quem as classificações são base do mundo social, servindo, na perspectiva de Bourdieu, como suposto fundamental de naturalização. Assim,

[...] para que a história social tenha o valor de uma psicanálise do espírito científico e da consciência social, é preciso que ela reconstrua completamente, ou seja, por um trabalho propriamente interminável, as condições sociais de produção das categorias sociais de percepção e de

---

<sup>8</sup>As ideias de Bourdieu mantêm diálogos com teorias já sedimentadas na literatura sobre o campo da sexualidade. As discussões de Lévi-Strauss sobre o tabu do incesto como ato fundador do social servem de referência à sua análise, acrescida, no entanto, da ressalva crítica de que as mulheres em situações de troca matrimonial são negadas enquanto sujeito, fazendo dessa transação a ocultação de uma dimensão política.

representação do mundo natural e social, que podem estar no princípio da própria realidade deste mundo (Bourdieu, 1977:8)<sup>9</sup>.

Em pesquisa que realizei sobre as formas de construção de carreiras políticas no Congresso Nacional, percebi que as parlamentares pertencentes a diferentes partidos políticos justificavam seu trabalho de representação menos como uma opção pessoal e mais como “missão” em confronto permanente com a outra tarefa naturalizada dos cuidados familiares. Tudo se passa como se o trabalho político devesse adequar-se, ou pelo menos considerar de forma compensatória, as “obrigações”— muitas vezes introjetadas de modo inconsciente— de mãe, esposa e dona de casa<sup>10</sup>. Nessa perspectiva, o *habitus* familiar colidia com o *habitus* referente à dedicação e exclusividade exigido na construção de carreiras políticas.

Em instituições dotadas de um poder de classificação associado a pedagogias e formas de reconhecimento social, a exemplo da escola, a violência simbólica se exerce de modo silencioso. Investigando o processo educativo baseado na classificação dos “anormais” na escola, a pesquisa de Muel Dreufus (2005) observou a relação entre as classificações, disciplinas e instituições que delimitavam a infância e a adolescência como estando sujeitas a “problemas”. A investigação, ao desnaturalizar as formas de classificação, registrou o esforço realizado por professores e instituições movidas por disputas pedagógicas, entre um polo arcaico e outro progressista, dando subsídios para a realização de uma sociogênese do campo da educação.

Para além de uma categoria de ordem conceitual, a dominação, como bem refletiu Garcia (2003), pode ser analisada por meio da observação etnográfica e análise estatística, distinguindo-se de uma situação evolutiva e linear. As atitudes dos trabalhadores desenraizados na Argélia, por exemplo, que ainda não tinham incorporado o sentido de mercadoria, expressavam uma ruptura com as formas de sociabilidade tradicionais e os modos de representação consequentes. O desenraizamento do campesinato tradicional não se fazia acompanhar de instrumentos simbólicos necessários à entrada no mundo moderno. Especialmente no campesinato da Cabília, os efeitos sociais do desenraizamento das sociedades tradicionais e os desafios individuais

---

<sup>9</sup>Ver BOURDIEU, Pierre. Une classe object. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. XII, p. 8, 1977.

<sup>10</sup>Ver BARREIRA, IRLYS; NILIN, Danyelle. *Lideranças femininas no Congresso Nacional: performances, valores e habitus*. Projeto Edital Universal, CNPq, 2012.

e coletivos com os quais os indivíduos se defrontavam ao se integrarem à economia de mercado eram marcantes. Garcia, com base nos pressupostos analíticos provenientes dessas pesquisas, analisou o desenraizamento brasileiro apontando a permanência de símbolos da sujeição e da escravidão no Nordeste do Brasil ao longo do século XX.

A percepção de valores ligados à honra persistentes na política foi também analisada por Barreira C. (1998), tendo em vista entender os mecanismos de poder e processos sociais que acompanhavam o sistema de pistolagem no Nordeste, especificamente no Ceará, em períodos eleitorais. A eliminação física de adversários mostrava a complexidade do campo da política, associando práticas modernas com outro *habitus* de violência presente no mundo agrário.

### **O Estado e a visibilidade da dominação**

As instituições ostentam a parte mais visível da dominação, mantendo também o poder simbólico que lhes assegura legitimidade para atuar em nome do coletivo, subtraindo, em seu interior, as diferenças e desigualdades de acesso à palavra e ao poder de ação.

O fato de as instituições não acolherem seus membros da mesma maneira põe em discussão a noção de “público” apregoada nas concepções baseadas na existência de “interesses comuns”. Criticando a noção de espaço público como lugar inconfundível de emergência de interesses convergentes, Bourdieu argumenta sobre a existência de condições desiguais que estão subjacentes às deliberações gerais — quase sempre compostas de pesos e pontos de vista diferentes. A omissão de interesses sociais diferentes traria, por consequência, o ocultamento das formas de dominação presentes nas relações sociais de comunicação, postuladas sob o manto da universalidade (Bourdieu, 2012:57).

O livro sobre o seminário da École de France, de 25 de janeiro de 1990,<sup>11</sup> pode ser lido como proposta crítica, visando desconstruir as teorias abstratas sobre o tema do Estado e da dominação. Para além dos supostos teóricos, a obra apresenta um caminho metodológico de investigação que busca apreender um estado concreto e presente em ações cotidianas, agentes, cargos de confiança e comissões que reforçam o sentido de *problemas* e *soluções* de ordem pública.

---

<sup>11</sup>BOURDIEU, Pierre. *Sobre o Estado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

O modo de conceber o Estado como entidade uniforme e transcendente vai estar presente em teorias reprodutivistas que pensam as instituições estatais como aparelhos a serviço do poder econômico e político, a exemplo de Louis Althusser<sup>12</sup>. A essa versão althusseriana, Bourdieu propõe a alternativa de analisar o papel dos agentes na formulação de verdades oficiais e discursos—estes pertencentes a campos e subcampos do poder com o propósito de produzir o sentido de unidade, nunca posto previamente, mas orquestrado por um conjunto de ações. Com base nessa formulação, o autor critica as concepções teóricas e filosóficas que afirmam a natureza abstrata e uniforme do Estado, contribuindo, assim, para transformar situações concretas em efeitos de teoria. Se os agentes do Estado são dotados do poder simbólico de “fazer ver e fazer crer” é porque têm os meios legítimos de realizar operações em seu nome, construindo, assim, a noção ilusória de defesa dos “interesses coletivos”.

A “pretensão demoníaca do Estado”, para usar a expressão de Bourdieu, é a de produzir a visão verdadeira e oficial do mundo social, fazendo com que a tarefa do sociólogo não esteja isenta dos riscos semelhantes aos de uma generalização legitimada pela teoria. Trata-se, do ponto de vista sociológico, de pensar sobre as condições concretas que fazem com que a instituição estatal se torne operante em sua luta simbólica para construir e impor uma visão de mundo como sendo universal.

O Estado funciona como um artefato progressivo feito por agentes especializados e dotados de poder fiduciário que controlam diferentes recursos, estando submetidos a uma mesma soberania. Pressupõe agentes organizados em comissões que elaboram a alquimia de transformar o particular em universal, conferindo ao Estado um estatuto de sagrado. O capital de recursos investidos contribui também para dar o sentido de universalidade às práticas políticas, fazendo com que coisas insignificantes sejam ritualizadas, criando-se, dessa forma, a “agenda dos problemas públicos”.

Em substituição à oposição entre Estado e sociedade civil, Bourdieu considera a perspectiva da existência de um *continuum*. Nele opera uma distribuição do acesso aos recursos públicos, materiais ou simbólicos, mediada por instituições aos quais se associam o nome Estado. Essa distribuição é objeto de disputas permanentes, sendo as lutas políticas a forma mais típica de busca de interferência sobre a questão. O Estado aparece como esse conjunto de engrenagens capazes de realizar inúmeras operações financeiras e simbólicas visando ao recurso da legitimação.

---

<sup>12</sup> Ver, a esse respeito, ALTHUSSER, Louis, *Aparelhos ideológicos de estado*, Rio de Janeiro, Graal, 1991.

O Estado é também portador de uma dramaturgia, embora esta não seja necessariamente falsa em oposição à verdade. Constitui uma invenção que consiste em pôr as pessoas juntas de tal maneira que, estando assim organizadas, fazem coisas que não fariam em outras condições. Os problemas públicos possuem, nesse sentido, um caráter performático, sendo o profeta aquele que consegue representar a verdade oficial. Há, portanto, a construção de agentes e agendas, mediadas por interações, criando a teatralização do social a partir de crenças indutoras de eficácia simbólica. A teatralidade do oficial e do universal supõe a desparticularização de pontos de vista, criando o sentido de “bem público”.

Bourdieu refere-se a um certo número de agentes, entre os quais os juristas, que construíram progressivamente algo que se chama Estado, materializado em um conjunto de recursos que autoriza seus detentores a dizer o que é certo para o mundo social, pronunciando palavras com a força potente do discurso oficial. Essa perspectiva está presente na ocupação de cargos e na escolha de pessoas que exercem empregos de confiança nos órgãos públicos.

A política como lugar de disputa de interesses não se limita, nas análises de Bourdieu, ao âmbito do Estado. Aparece também em outros microcosmos que se propõem a apresentar práticas alternativas de fazer política diversas das formas institucionais hegemônicas. Em pesquisa que realizei sobre as candidaturas populares, inspirada nas formulações de Bourdieu, pude constatar o modo como os “dominados” formulavam percepções e estratégias políticas em busca da ampliação de espaços de poder.

As candidaturas populares para cargos de representação junto à Câmara Municipal de Fortaleza, construídas sob o plano da defesa de “interesses do bairro”, eram paradigmáticas no sentido de expressarem a força simbólica dos atributos de identificação e sentidos de pertença ao local de moradia. No contexto dos movimentos de bairro, tais candidaturas foram anunciadas como extensão dos processos de ampliação da representação política, sendo o líder de bairro considerado portador de “trajetória exemplar” e “comprometimento inquestionável”.

A passagem do líder do bairro (que na maioria das vezes ocupava a função de presidente de associação de moradores) para a condição de candidato à Câmara Municipal explicitava as características de uma sociedade que respirava ares frescos e iniciais de democracia. Os bairros eram exemplos de um dos espaços constitutivos de “novos atores” que tentavam adentrar o campo da política. Ao mesmo tempo, a

observação desses “novos atores”, não assumidos como políticos de profissão, parecia demonstrar uma espécie de forma elementar ou embrionária da representação em sua face institucional.

De posse da reflexão de Bourdieu sobre sistemas de classificação associados a práticas sociais, pude aprofundar as crenças populares e as divisões instauradas no âmbito das organizações de bairro. Os líderes preconizavam uma série de regras sobre o que deveria ser a esfera da ação política, que ia desde a análise da “história” do candidato até seu desempenho nas esferas representativas do bairro. Eles, além disso, faziam de sua prática cotidiana uma espécie de avaliação permanente, buscando diferenciar o que chamavam de “política comunitária” e “política partidária”.

Ao invés de tomar as candidaturas como propostas acabadas, analisei na pesquisa a construção de lideranças em diferentes fases, recortando o bairro como cenário expressivo de um “subcampo de elaboração da política”. Assim, foi possível verificar continuidades entre valores construídos no âmbito da sociabilidade no bairro e sua transposição para o campo da política. Exemplo: o mesmo temor da diferenciação social, que separa detentores e não detentores de bens materiais, aparecia nas estratégias de representação, cuidadosas em evitar que o líder não “esquecesse as origens”<sup>13</sup>.

Emergiram, em tais circunstâncias, mecanismos de controle supostamente capazes de compensar a distância simbólica entre líderes e liderados. A origem social e o universo cultural das candidaturas populares atuavam fortemente no modo como tentavam construir um “lugar” na política. Denegado socialmente, o líder de bairro visava transformar em virtude aquilo que poderia ser considerado defeito, estabelecendo critérios comparativos entre os que pouco estudaram, mas possuíam, em compensação, o saber advindo da experiência, com o qual iriam atuar na política.

O que parecia espontâneo nos líderes populares, porque dotados de uma condição quase natural de representatividade, revelou-se fruto de um trabalho político —este não plenamente consciente para os moradores, cujas normas de conduta, códigos de comportamento e linguagens justificavam a existência de uma representatividade “autêntica”. Havia, portanto, mais do que uma candidatura a construir, de modo isolado, o reconhecimento de que os líderes de bairro eram capazes, além de “fazer política”, de distinguir-se das formas habituais e hegemônicas de seu exercício.

---

<sup>13</sup> Um desenvolvimento mais detalhado desta pesquisa pode ser visto em BARREIRA, I. “A representação como espelho: universo cultural e político das candidaturas populares” (1994).

Pude observar, analisando a sociogênese das candidaturas populares, que estas eram formuladas tendo por base uma referência valorativa fundamentada nos movimentos sociais, incluindo o papel das Comunidades Eclesiais de Base e partidos de esquerda interessados na instituição de um “espaço popular”.

A pesquisa sobre as candidaturas populares revelou estratégias dos “excluídos” do campo político, chamando também atenção para os processos e conflitos que cerceiam o tema da dominação. Trata-se de pensar nos caminhos de ida e volta que se apresentam nas práticas de dominação.

### **A carne e o osso da dominação**

A percepção de que a dominação não está em um lugar específico ou encarnada em uma classe-sujeito tem na perspectiva de Bourdieu a vantagem analítica de compreensão de seu caráter complexo e relacional. Isso significa seu envolvimento em uma teia de relações complementares que se mobilizam em diferentes campos da atividade social (BOURDIEU, 1989)<sup>14</sup>.

A amplitude do conceito de dominação, presente em “todos os lugares”, poderia, em princípio, tornar o conceito demasiado abrangente. Nesse sentido vale a pena fazer uma breve reflexão comparativa entre o conceito de dominação e o conceito de poder segundo a abordagem de Foucault (1977; 1988). A genealogia foucaultiana permite verificar como os saberes surgem e de que modo eles acionam crenças, instituições e argumentos de verdade em detrimentos de outros. É nesse sentido que ocorre a relação entre saber, poder e disciplina. Assim Foucault desconstrói a forma como os saberes foram historicamente analisados de forma evolutiva, ao mesmo tempo em que recusa o suposto essencialismo das verdades presente nas diversas formas de conhecimento. A existência de uma microfísica que Foucault tão bem identificou na vida social cotidiana, permitiu também verificar as possibilidades de descentralização de lugares de manifestação do poder em seus aspectos menos visíveis, tais como as interações implícitas nas instituições. A ênfase de Bourdieu sobre as práticas relacionais retoma, por outro lado, o papel das agências, valorizando a presença de tensões e conflitos mediados por atores sociais. Assim a dominação se corporifica em campos

---

<sup>14</sup> Para uma reflexão sobre a interação entre os campos, ver particularmente, Bourdieu (1989), *O poder simbólico*, caps, III e VI.

diversificados e práticas as quais, não sendo inteiramente aleatórias, não se cristalizam fora de situações relacionais.

Na percepção de Bourdieu (2014), seria o exame de situações concretas que apontaria os mecanismos complexos e contraditórios da dominação, abrindo margem para pensar as possibilidades teóricas iluminadas pela pesquisa. Em várias de suas entrevistas difundidas nas redes sociais<sup>15</sup>, o autor, interpelado a respeito do tema da reprodução e das críticas a uma aparentemente visão estática da vida social, defende-se afirmando que dizer o modo como o mundo funciona não significa dizer como ele deveria funcionar. Acrescenta também que suas próprias pesquisas foram importantes para adaptar, repensar e sintetizar conceitos que não deveriam nunca serem lidos como postulações teóricas acabadas. Conceitos enraizados em práticas poderiam, assim, serem adaptados e repensados à luz de investigações permanentes.

As contribuições de Bourdieu sobre o tema da dominação aplicado à condição de gênero foram também objeto de crítica de colegas do mesmo grupo acadêmico. Lagrave (2003), por exemplo, reconhecendo a força inovadora do pensamento de Bourdieu, estranha, em sua reflexão sobre a dominação masculina, a falta de reconhecimento das contribuições teóricas já apontadas pelas estudiosas do movimento feminista. Nesse sentido, a própria incursão do autor na temática, ignorando, na percepção de Lagrave, um saber acumulado de estudos feministas, comprovaria a afirmação de um espaço hegemônico masculino no próprio campo do conhecimento acadêmico.

A análise sobre as formas de dominação em vários espaços da vida social não levaram Bourdieu à constatação de situações irreversíveis, mas a postular a necessidade de um entendimento histórico capaz de questionar as formas naturalizadas de construção das hierarquias sociais. A tarefa do cientista social seria reconstruir a “história do trabalho histórico de des-historização”, ou seja, a pesquisa a respeito da própria gênese das estruturas objetivas e subjetivas subjacentes às formas naturalizadas de dominação.

As pesquisas conduzidas por Bourdieu e Monique de Saint Martin, nos anos de 1970, explicitaram os princípios de dominação exercidos através da oligarquia financeira do Estado, os quais seriam distribuídos no pertencimento familiar, sucesso escolar, êxito econômico e inserção nas redes administrativas e financeiras. Havia uma

---

<sup>15</sup>Entrevista com Pierre Bourdieu legendada disponível em <http://www.youtube.com>, acesso feito em 7/6/2018.

arte de colocar a imposição da dominação pelo reconhecimento e desconhecimento da arbitrariedade exercida por esse “agrupamento dominação”(Saint Martin, 2003: 330). Com frequência, as escolas de ensino superior reforçavam as disposições dos alunos formados de acordo com as expectativas da instituição, que eram compelidos a ocupar as posições dominantes na sociedade por uma ação de consagração.

O livro *La Nobless d'État*, por exemplo, divide-se entre reflexões sobre o trabalho cotidiano de produção da realidade nas escolas de elite e outro momento no qual se observam as ligações entre o campo das grandes *écoles* e o campo do poder<sup>16</sup>. O livro apresenta um conjunto amplo de informações sobre as instituições educacionais de elite e os executivos de empresas francesas, observando o modo como eram construídas as credenciais da dominação e sua operacionalidade em sociedades democráticas liberais, movidas por ideais de igualdade e mérito individual.

A percepção do lugar de dominação como estando na esfera mais ampla da ordem social, objetiva e subjetiva, aprofunda a explicação sobre as suas formas mais sutis e invisíveis. Baseado nesse pressuposto, Bourdieu (2005) lembrava que o conhecimento dos determinismos da dominação poderia ajudar a liberdade de ação, sendo a sociologia um instrumento potencial de libertação. Ressaltava, assim, a necessidade de se observar a dominação menos como uma postulação teórica *a priori* do que como hipótese a ser repensada no plano concreto de diferentes situações e contextos sociais.

Nas palavras de Wacquant (2005: 158), as reflexões de Bourdieu a respeito do tema da dominação baseiam-se em investigações concretas. Segundo suas palavras, a obra do autor francês,

[...] desde seus primeiros textos sobre a relação entre gêneros na sua aldeia bearnesa natal, até sua exegese da importância sociopolítica da filosofia de Heidegger, de seu estudo da perda das raízes do campesinato da Argélia Colonial até sua análise do papel de Flaubert e de Manet na formulação do moderno olhar estético, de sua crítica das ilusões ideológicas dos intelectuais até a investigação da construção do mercado de moradias na França e a disseminação da ‘nova língua’ neoliberal por todo o globo, o traço comum às diversas pesquisas de Bourdieu é revelar a contribuições das formas simbólicas para a constituição e perpetuação da desigualdade estrutural pela ocultação de suas raízes econômicas e políticas.

---

<sup>16</sup> Ver WACQUANT, Loic. *O poder simbólico na dominação da “Nobreza de Estado”*. . Rio de Janeiro: Editora Revan, 2005.p. 157-207.

A forte percepção etnográfica de Bourdieu corrobora com o princípio de que as formas de dominação são contraditórias e variáveis. Os supostos gerais são, assim, guias de reflexão, e não afirmações de uma invariante estrutural. É na perspectiva de apreender as formas concretas de dominação que a pesquisa impõe sua razão de ser, confirmando o papel dos agentes e suas práticas, não a partir de um modelo prévio, mas plano de observação capaz de detectar os grandes problemas por um ângulo acessível, onde o essencial muitas vezes se torna invisível, sob a aparência de práticas insignificantes.

Trata-se, nas palavras do autor, de

[...] reconstruir cientificamente os grande objetos socialmente importantes, apreendendo-os de um ângulo imprevisto - como eu procuro fazer, por exemplo, ao partir, para compreender um dos efeitos maiores do monopólio estatal da violência simbólica, de uma análise muito precisa do que é um certificado: de invalidez, de aptidão, de doença, etc.(Bourdieu, 1989: 20).

A visão da teoria como ferramenta pode ser também comprovada no modo como Bourdieu ministrava seus seminários. No momento em que fazíamos nosso pós-doutorado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais<sup>17</sup>, participávamos, além das conferências abertas ao grande público, de grupos de discussão, que eram espécies de oficinas de pesquisa. Nessa ocasião, explanações descritivas e ainda incipientes eram realizadas sob o olhar atento de Bourdieu, especialmente preocupado com as narrativas de pesquisa: o sistema de ensino na Argélia, os sociólogos na Rússia, os jornalistas na Romênia etc. Naquela época, entre os anos de 1989 e 1990, eu— ainda iniciante nas práticas acadêmicas do “grupo de Bourdieu”— esperava com ansiedade a grande chave interpretativa do mestre, já famoso e assediado dentro e fora do seu País. A grande lição daquele momento era, no entanto, o respeito aos dados da pesquisa, nunca antecedidos por uma teoria acabada, metodologia repetida nos demais seminários temáticos ofertados pela equipe de pesquisa de Bourdieu.

Sua própria trajetória era exemplar. A pesquisa etnográfica sobre a sociedade Cabila era uma das fontes de inspiração e maturação de conceitos como *habitus* e *violência simbólica*. Pesquisas ainda não concluídas sobre migrações de Abdelmalek

---

<sup>17</sup>Refiro-me ao ano de 1989, período em que eu e César Barreira cursávamos pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales e tivemos a oportunidade de assistir o seminário de 1990 no Collège de France.

Sayad sobre o Estado e nobreza na França, realizada em parceria com Monique de Saint Martin, e investigações feitas por Monique Pinçon e Michel Pinçon sobre os espaços dos antigos castelos da nobreza revelavam o sentido de construção do conhecimento associado aos dados empíricos.

A arte de ensinar o ofício foi, portanto, um dos grandes legados do pensador francês. Seguindo a tradição durkheimiana, acreditava na prova científica, na credibilidade acadêmica, e desconfiava dos conceitos fáceis ou da “sociologia midiática” porque sabia do poder das palavras na legitimação de verdades e consagração de autoridades.

Bourdieu pensava as estruturas como algo próximo à realidade das coisas, isto é, das relações sociais concretas que se objetivavam na história explicitando-se em corpos, ações e percepções. Suas postulações teóricas percebiam, pois, um Estado presente em ações cotidianas, agentes e cargos de confiança e comissões que reforçam o sentido de problemas e soluções de ordem pública. A dominação materializava-se nos vários espaços da vida social, corporificando-se em formas mais ou menos visíveis e abertas à pesquisa.

## **Bibliografia**

ALTHUSSER, Louis, *Aparelhos ideológicos de estado*, Rio de Janeiro, Graal, 1991.

BARREIRA, César. *Crimes por encomenda, violência e pistolagem no cenário brasileiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. “A representação como espelho: universo cultural e político das candidaturas populares”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, v.9, n.26 São Paulo out. (1994).

BOURDIEU, Pierre (1994). *Razões práticas sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus.

\_\_\_\_\_. (1998). *Meditações Pascalinas*. Oeiras: Celta Editora.

\_\_\_\_\_. (1999) *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

\_\_\_\_\_. (1989) *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.

\_\_\_\_\_. (2014) *Sobre o Estado*. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. (1980). *Le sens pratique* Paris: Éditions Minuit.

\_\_\_\_\_; WACQUANT Loic (1992). *An invitation to reflexive sociology*. Chicago: The University of Chicago Press.

DE SAINT MARTIN, Monique (2003). Uma inflexível dominação? In: ENCERVÉ, Pierre; MARIE LAGRAVE, Rose (Orgs.). *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

DURKHEIM, E. (1951). "Répresentations individuelles et représentations collectives". In: *Sociologie et philosophie*. Paris: PUF.

FOUCAULT, Michel (1977). *Vigiar e punir*, Petrópolis: Vozes

\_\_\_\_\_ (1988). *A microfísica do poder*, Rio de Janeiro: Graal

GARCIA, Afranio. "O desenraizamento brasileiro". In: ENCERVÉ, Pierre; MARIE LAGRAVE, Rose (Orgs.) (2003). *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

LAGRAVE, Rose Marie . "A lucidez dos dominados". In: ENCERVÉ, Pierre;

LAGRAVE, Rose Marie (Orgs.) (2003). *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

MICELI Sérgio (1987). Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva.

OLIVEIRA, Pedro Paulo (2005). Illusio: aquém e além de Bourdieu. *Mana*, vol. XI, n. 2, Rio de Janeiro.

MUEL DREYFUS, Francine (2003). Uma atenção sociológica à psicanálise. In: ENCERVÉ, Pierre; LAGRAVE, Rose Marie (Orgs.). *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

ORTIZ, Renato (1994). Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Bourdieu*. São Paulo: Editora Ática, p. 46-86.

SAUSSURE, Ferdinand de (2005). *Cours de linguistique générale*. Editado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Notas críticas de Tullio de Mauro. Paris: Payot.

WACQUANT, Loic (Org.) (2005). *O Mistério do Ministério, Pierre Bourdieu e a política democrática*. Rio de Janeiro: Editora Revan.

WEBER, Max (1999). *Economia e sociedade*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.